

 TCC/UNICAMP
014a
2377 FEF/902

GREICE KELLY DE OLIVEIRA

AULAS DE EDUCAÇÃO FÍSICA PARA TURMAS MISTAS
MITOS E VERDADES

UNIVERSIDADE ESTADUAL
DE
CAMPINAS-1992

UNIVERSIDADE ESTADUAL DE CAMPINAS
Biblioteca - F. E. F.



1290002377

GREICE KELLY DE OLIVEIRA

AULAS DE EDUCAÇÃO FÍSICA PARA TURMAS MISTAS
MITOS E VERDADES

MONOGRAFIA APRESENTADA PARA
OBTENÇÃO DO GRAU DE ESPECIALISTA
EM EDUCAÇÃO FÍSICA ESCOLAR À
FACULDADE DE EDUCAÇÃO FÍSICA DA
UNICAMP SOB ORIENTAÇÃO DO
PROFESSOR DR. JOÃO BATISTA FREIRE
DA SILVA.

AGRADECIMENTOS

Agradeço aos colaboradores deste trabalho especialmente ao Professor Marcelo Jabú.

Aos meus amigos da Unicamp, André, Edilene, Ricardo, Uvinha e a todos que participaram deste curso e que de forma direta ou indireta me ajudaram a crescer.

Agradeço especialmente ao meu orientador Dr. João Batista Freire que soube conduzir-me, hora com serenidade, hora com energia, para que eu concluisse este trabalho.

DEDICATÓRIA

Dedico este trabalho aos meus pais que sempre me respeitaram enquanto pessoa, proporcionando-me igualdade aos meus irmãos nas relações e oportunidades da vida.

Ao meu noivo, irmãos e amigos que sempre me aceitaram nas brincadeiras e atividades sem discriminar-me por ser mulher.

SUMÁRIO

I) INTRODUÇÃO

II) POR QUÊ AULAS DE EDUCAÇÃO FÍSICA MISTAS ?

III) DIFERENÇAS BIOLÓGICAS, FISIOLÓGICAS E DE RELACIONAMENTO SOCIAL ENTRE O SEXO MASCULINO E FEMININO E A INFLUÊNCIA NAS AULAS DE EDUCAÇÃO FÍSICA.

IV) NO QUE INTERFERE A CULTURA ?

V) A ESCOLA E OS ESTEREÓTIPOS.

VI) NA PRÁTICA O QUE ACONTECE? RELATO DE EXPERIÊNCIAS.

VII) CONCLUSÃO : O QUÊ E COMO FAZER ?

CAPÍTULO I

INTRODUÇÃO

Este trabalho tem como objetivo discutir e analisar a questão das aulas de Educação Física para turmas mistas.

Fiz a escolha deste tema por sentir no meu dia a dia a dificuldade em encontrar uma coerência nas idéias e opiniões de vários professores, inclusive nas minhas, em relação ao assunto.

Assim, no sentido de selecionar argumentos significativos contra ou a favor da união de alunos de ambos os sexos nas aulas de Educação Física, procurei levantar fatores biológicos, culturais e outros que possam exercer influência nas aulas.

Discutiremos, dentre os fatores que determinam se as aulas devem ser mistas ou não, a posição do professor.

Acredito que se este não estiver disposto, seguro e preparado para este trabalho não será possível sua realização de forma produtiva.

E os alunos e alunas , até que ponto aceitam ou repudiam a idéia de fazerem aulas de Educação Física com o sexo oposto?

É possível trabalhar com os conceitos e preconceitos presentes e vivos em nossas aulas? São questões que procurei abordar e refletir.

Diferentemente do que a maioria de nós professores pensamos e justificamos, as diferenças biológicas entre os sexos não são fatores que impeçam a prática da atividade física, em especial da Educação Física, juntos.

Também estudo as dificuldades e obstáculos que enfrentamos quanto aos aspectos culturais que influenciam nessa prática.

Após observar situações de conflito e harmonia, preconceito e aceitação do outro, tentei encontrar a figura da escola, qual o seu papel, ou se na realidade seus objetivos só ficam no papel ?

Não tenho a pretensão de esgotar neste trabalho as discussões sobre o tema, mas tenho a esperança de poder plantar uma ou quem sabe várias sementes de reflexão. Reflexão que envolve o quanto e o que somos dentro do processo educacional que deve auxiliar na formação e evolução de "vidas".

CAPÍTULO II

POR QUÊ AULAS DE EDUCAÇÃO FÍSICA MISTAS ?

No meu pouco tempo de experiência como professora de Educação Física (quatro anos), venho procurando a resposta o mais fundamentada possível para a questão que intitula este capítulo.

Sempre que cogitei a possibilidade de se trabalhar com turmas mistas, meus colegas de trabalho se contrapunham defendendo a formação de turmas separadas por sexo, com argumentos que sempre julguei insubsistentes e que discutiremos a seguir. Em seguida me questionavam: "Por quê turmas mistas?"

Na tentativa de responder de forma alicerçada tal questão, venho compor este trabalho.

É necessário, antes de mais nada, que se deixe claro que não há dúvidas de que existem diferenças entre meninos e meninas, porém, pretendo levantar também os tabus e mitos (1) existentes e analisá-los apoiando-me na ciência. Diante dessas diferenças e a partir delas é que temos que refletir sobre as aulas de Educação Física no que se refere aos seus conteúdos e metodologia. E qual será a melhor alternativa , separar meninos e meninas e negar-lhes a oportunidade de aprenderem a conviver com o sexo oposto? Ou obrigar-lhos a participar exatamente das mesmas atividades sem questionamento, negando uma realidade que não só presenciamos mas que sentimos, que são as diferenças entre os dois sexos?

Será que não poderíamos encarar tais diferenças sexuais da mesma forma que temos as diferenças de personalidades, de habilidades, de aprendizagem etc? Não que estas diferenças estejam sendo bem trabalhadas , mas acredito que não são vistas com tanto preconceito.

Completando esta reflexão Romero (p. 302) coloca:

(1) Mito: referente à tradição, sob forma figurada, que deixa entrever um fato natural histórico ou filosófico.

"Não deve ser o sexo o principal critério de decisão para o que quer que seja, mas sim o conjunto de fatores que envolve a situação a ser decidida".

Se conseguíssemos nos despir de todo preconceito, de todo estigma em relação ao assunto, verificaríamos que é profundamente necessária essa convivência de ambos os sexos também nas aulas de Educação Física, isso se visarmos um processo educacional integral que objetive atingir o homem de forma global.

Freire (p. 210) vem nos alertar:

"Dentro da sala de aula, qualquer que seja a disciplina, os alunos assistirão aulas juntos. Mentes não precisam ser separadas. Corpos sim e parece que para a escola, o aluno só é corpo quando vai para o pátio de Educação Física".

Mas o que observo é que esse estar juntos na sala de aula é também bastante limitado. Como se dão as relações meninos e meninas nessas aulas?

Diversas vezes pude observar conflitos serem apenas tolerados por professores e envolvidos, sem uma solução ou discussão do problema, apenas atenuantes que muitas vezes acabam confundindo cada vez mais os alunos.

O que se deseja é que ambos se tornem humanos plenos e que possam usufruir de todo potencial para uma sociedade melhor e para felicidade própria.

Segundo Oberteuffer (p. 77-8) o auto-conhecimento humano envolve a compreensão da sexualidade. Há tanto "elementos masculinos" como "elementos femininos" em cada pessoa. Nenhum homem é totalmente masculino e tampouco a recíproca é verdadeira. É imperativo que o professor de Educação Física reconheça a origem real de certas diferenças entre os sexos e não atribua a uma razão biológica e a fatores de origem cultural o desempenho de um ou de outro sexo. Não é justo que se tente explicar uma diferença biológica por vias sociológicas. Tanto as diferenças sociais quanto as biológicas são importantes no plano educacional.

"A tendência dos estereótipos culturais de resistir à mudança é essencial para a manutenção da sociedade, mas a flexibilidade é essencial para manter a saúde, tanto da sociedade quanto de seus membros". (Money e Tucker p. 18).

Segundo Abreu (p. 118):

"Os docentes alegam que normalmente são os alunos e as alunas que preferem que haja uma separação da turma por sexo. Isto não justifica uma atitude acrítica por parte dos docentes que se abstêm de um questionamento mais sério sobre este contexto, como, se por esses conceitos, entendessemos que cada um deve fazer o que quer ou que a maioria quer desse jeito. É ingênuo pensar que alunos e alunas preferem esta divisão apenas por uma opção individual. Tanto os meninos quanto as meninas irão preferir este ou aquele jogo, pois já estão impregnados de valores discriminatórios advindos de condicionantes sociais".

O que se observa de maneira geral, a partir de respostas dos docentes, é que em um primeiro momento há um bloqueio por parte dos meninos em aceitar praticar atividades junto com as meninas. Assim que estas meninas demonstram habilidades em executar determinada tarefa, este incômodo desaparece tornando o traço sexo irrelevante.

Abreu (p. 128) diz que:

"A prova é que os meninos que não demonstram habilidades motoras que satisfaçam ao grupo, também são discriminados". No entanto, existe uma tolerância maior por parte dos meninos aos erros desses, do que aos erros das meninas. Portanto, há uma predisposição em não aceitar a participação feminina, devido a uma determinação histórica da falta de habilidade, que desaparece parcialmente quando as meninas demonstram alguma habilidade motora ou desportiva. Discutiremos em capítulo posterior as possíveis causas de tal defasagem feminina.

No estudo realizado por Romero (p. 225) evidencia-se a presença de estereótipos masculinos e femininos em professores de Educação Física apontando algumas características traduzidas por adjetivos considerados como adequados para o sexo masculino e feminino:

menino:

agressivo

ativo

autoritário

dedicado ao lar *aparecendo ainda algumas variáveis os adjetivos educado e líder.

delicado

esportivo

forte (fisicamente)

independente

machista

menina:

atraente

ciumenta

dedicada

elegante

meiga

responsável

vaidosa

* Aparecendo algumas variáveis
os adjetivos comunicativa e discreta.

Acredito que o professor ainda é uma figura chave para a questão que discutimos, pois dependendo da sua postura, de suas opiniões, enfim da visão que este possua, poderão haver influências fortes para formação de "n" outras opiniões e idéias.

Eu diria que é necessário que repensem toda nossa prática educacional para nos posicionarmos então em relação à questão das aulas de Educação Física serem mistas ou não. Não quero discutir aqui questões ideológicas mas meu trabalho só fará sentido aos que tiverem, como eu, o objetivo de formar e não adestrar, de desenvolver o ser humano no que se refere às potencialidades que ele possui e não às que gostaríamos que tivessem. Enfim, para uma Educação Física que se preocupe com o processo educacional como um todo.

Abreu (p. 124) afirma que: "os docentes admitem que esta separação apresenta algumas desvantagens, pois seria bom para ambos os sexos vivenciarem este convívio que é tão presente na vida cotidiana, fora e dentro do âmbito escolar, seria importante a preocupação dos docentes com a tentativa de desmitificar alguns fatos relativos a preconceitos estabelecidos pela sociedade, tais como: experimentar o trato com as diferenças e características próprias de cada sexo, sabendo no entanto valorizá-las e respeitá-las, lidando com as diferenças de forma menos discriminatória, observando que todos podem contribuir em determinados aspectos".

Percebemos, portanto, a profundidade e importância do assunto colocado em reflexão já que lidamos com a formação de indivíduos.

Acredito que possamos estar contribuindo para a qualidade de vida das pessoas em seus lares, trabalhos e nos momentos de lazer.

Sobre a educação para o lazer a mesma autora citada acima observa que há uma diferença em relação ao aproveitamento do tempo livre. Observou, nas comunidades onde fez sua pesquisa, que irmãos e irmãs recebem tratamento diferenciado quanto às atividades nas horas de lazer. Como os meninos não auxiliam nas tarefas domésticas, pois as próprias mães não os requisitam, eles aproveitam esse pequeno espaço de tempo (pequeno porque têm que trabalhar para ajudar na renda familiar) para brincar na rua ou no play ground.

As meninas, no entanto, que também trabalham fora, têm que se dedicar aos afazeres domésticos, e como não dividem essas tarefas com seus irmãos, ficam sobre carregadas, sobrando pouco tempo para jogos e brincadeiras em espaço aberto, a não ser à noite, em casa, com atividades mais restritas em termos de espaço e amplitude de movimentos.

Na vida adulta dessas famílias, isso se reflete na medida em que é comum o homem participar do futebol na sexta-feira à noite ou sábado de manhã, enquanto que as mulheres se limitam ao adiantamento das tarefas da semana. Com o grave problema da dupla jornada de trabalho realizada pela mulher, e se nada for feito, os filhos e filhas desses casais tendem a seguir os mesmos passos, reforçando a desigualdade no desfrute do prazer, o que também acaba influenciando na saúde do casamento.

A discussão está aberta para aqueles que não concordam com este panorama e que como eu não pretendem continuar a reproduzi-lo.

CAPÍTULO III

DIFERENÇAS BIOLÓGICAS, FISIOLÓGICAS E DE RELACIONAMENTO SOCIAL ENTRE O SEXO MASCULINO E FEMININO E A INFLUÊNCIA NAS AULAS DE EDUCAÇÃO FÍSICA.

Não pretendo descrever todas as diferenças biológicas, fisiológicas e de relacionamento social existentes entre o sexo masculino e feminino, mas sim aquelas que possam influenciar realmente nas aulas de Educação Física, para que eu possa no próximo capítulo expôr a questão da cultura, que muitas vezes é confundida com a biológica formando tabus e mitos.

Para demonstrar tal confusão autores como Krech et alii (p. 187) que entre outros destacam a diferença de realização escolar entre meninos e meninas apontam que em escores de inteligência nenhum dos sexos é mais inteligente que o outro, porém as meninas apresentam um melhor desempenho na esfera verbal, enquanto que os meninos no campo das relações quantitativas e espaciais. Embora os meninos apresentem um melhor desempenho em aritmética, geografia e ciências, as meninas são consideradas como sendo as melhores notas da escola recebendo elogios e notas melhores de seus professores.

Percebemos, portanto, que os meninos têm maiores probabilidades de se sair bem de acordo com a sua natureza biológica, mas as meninas são culturalmente formadas para serem mais "disciplinadas", dóceis e estudiosas o que acaba influenciando no conceito de professores que dão preferência aos alunos mais submissos, acaíticos e meigos, que geralmente são do sexo feminino.

Vejamos algumas dessas diferenças sexuais para que possamos refletir melhor sobre a questão da formação de turmas para aulas de Educação Física.

DIFERENÇAS SEXUAIS ENTRE BEBÊS

Não é de se surpreender que não haja muitas diferenças sexuais entre bebês. Há poucas exceções a esta afirmação. Da mesma forma como era ao nascimento, as meninas continuam um pouco a frente em alguns aspectos de maturidade física e os meninos continuam a ser mais vulneráveis. Por exemplo, mais meninos morrem durante o primeiro ano de vida. Também se percebe que o corpo dos meninos é composto de mais tecido muscular do que o das meninas e há algumas evidências de que as meninas são um pouco mais responsivas ao toque físico que os meninos (Maccoby e Jacklin, 1974).

O mais interessante a respeito desses fatos é que os meninos e as meninas não diferem quanto às dimensões de temperamento descritas por Thomas e Chess (in Bee). Os meninos não são frequentemente mais difíceis quanto ao temperamento e as meninas não têm um temperamento "fácil" com maior frequência, mesmo considerando que é isto que os nossos estereótipos (padrões sociais) nos fariam esperar (Helen Bee p. 80). Talvez porque os bebês ainda não foram fortemente influenciados culturalmente pela sociedade e nós enquanto educadores conhecemos tal fato?

DIFERENÇAS SEXUAIS NO CRESCIMENTO FÍSICO

De acordo com a teoria maturacional de Gesell, podemos observar que as maiores diferenças físicas entre homens e mulheres tornam-se mais pronunciadas depois da puberdade. As meninas e os meninos pré-adolescentes são quase que igualmente fortes e rápidos. Depois da puberdade os meninos tornam-se mais fortes e mais rápidos, bem como maiores. Uma das implicações disto é que uma menina de 12 anos provavelmente seja tão ou mais forte e tão boa ou melhor no lançamento de uma bola ou numa corrida que um menino de 14 anos; isso porque ela está no auge do seu processo maturacional, onde ocorre por exemplo o chamado "estirão". Poucos anos mais tarde, no entanto, é difícil para uma jovem ser bem sucedida numa alta competição com meninos em esportes que exijam considerável força ou rapidez.

Aí está um ponto a ser discutido e refletido. Até por volta dos 13-14 anos não existem diferenças, do ponto de vista maturacional, que impeçam ambos os sexos de participarem juntos das aulas de Educação Física, guardando o aspecto de vivência motora que é diretamente influenciado pela cultura. Desta fase em diante necessitarmos de uma reestruturação dos nossos planejamentos no que se refere, por exemplo, aos conteúdos e objetivos que adotamos.

Tabela - Diferenças Sexuais no Crescimento Físico

Característica	Natureza da diferença
Ritmo de maturação	As meninas têm um padrão de desenvolvimento mais rápido durante todo o tempo. Por exemplo, seus dentes rompem mais cedo, seus ossos enrijecem antes e a puberdade começa antes do que nos meninos
Previsibilidade ou regularidade da maturação	O crescimento físico das meninas é mais regular e previsível. É mais fácil predizer a altura final de uma menina, por exemplo, do que a de um menino
Força e velocidade	Há pouca diferença até a adolescência; mas depois os meninos são mais fortes e mais rápidos
Coração e circulação	Na adolescência, os meninos desenvolvem mais o coração e os pulmões, bem como a capacidade de levar mais oxigênio no sangue do que as meninas
Tecido adiposo	As meninas, desde o nascimento, têm uma camada de tecido gorduroso sob a pele e possuem uma maior porcentagem do peso do corpo devotada à gordura depois da puberdade

Tabela - Diferenças Sexuais no Desenvolvimento da Linguagem e Capacidade Linguística

Capacidade	Direção da
<i>Da Infância ao Começo da Meninice</i>	
Vocabulário	As meninas podem estar um pouco à frente aos 3 anos, mas muitos estudos não mostram diferenças
Quantidade de fala	As meninas novamente podem falar um pouco mais nos primeiros anos, embora esses resultados também não sejam consistentemente encontrados
Capacidade gramatical	Provavelmente não há diferença
Articulação (falar claramente)	As meninas são melhores e permanecem melhores durante a idade escolar; mas os meninos precisam da ajuda de fonoaudiólogos durante os anos de escolaridade
<i>Adolescência</i>	
Ortografia	As meninas são melhores, em média
Pontuação	As meninas são melhores, em média
Compreensão de material escrito complexo	As meninas são melhores, em média
Raciocínio verbal	As meninas são melhores, em média

Fonte: Baseado na análise de Maccoby e Jacklin, 1974.

Considero importante citar tal aspecto para que possamos compreender o que consideramos como certa limitação dos meninos e veicular tal informação aos professores que lidam mais diretamente com alunos em relação a este aspecto.

Devo frisar o intuito não é de rotular mas sim compreender para auxiliar com maior atenção.

DIFERENÇAS SEXUAIS NO DESENVOLVIMENTO COGNITIVO

A maioria das comparações entre homens e mulheres, quanto às habilidades intelectuais são baseadas em testes de QI ou equivalentes. São muito poucos os estudos que compararam meninos e meninas nas tarefas piagetianas.

Até durante as operações concretas não parece haver quaisquer diferenças sexuais consistentes. Em contraste, ao nível das operações formais há evidências crescentes de que os meninos começam a sobrepujar as meninas (por exemplo, Keating e Schaefer, 1974). A explicação mais razoável para tais diferenças, para mim, está no fato de que muitas das medidas das operações formais usadas para a pesquisa de Piaget envolvem alguma capacidade de percepção espacial. Nós sabemos, a partir de muitas outras pesquisas, que as meninas são, em média, menos capazes na realização de tarefas espaciais que os meninos (Maccoby e Jacklin, 1974). Por isso, pode ser que as meninas não sejam menos formais em seu pensamento mas que tenham dificuldade com qualquer tarefa formal que também exija o uso de habilidades espaciais. Mas esta é apenas uma hipótese pois não há pesquisas suficientes nas operações formais que possibilitem uma conclusão final (Bee p. 213).

Devo acrescentar que é inviável estudar seres humanos isolados culturalmente, daí a dificuldade em separar o que não é separável: cultura e natureza biológica. Portanto não podemos afirmar (como sempre ouvimos) que as mulheres são menos inteligentes ou que têm dificuldades no raciocínio antes que sejam feitas pesquisas mais conclusivas.

DIFERENÇAS SEXUAIS NA INTELIGÊNCIA

Não há diferenças sexuais consistentes nas medidas gerais de QI. Os meninos e as meninas têm em média o mesmo QI. Mas quando o resultado é dividido em diversas habilidades isoladas, emergem alguns padrões de diferenças sexuais, que ao meu ver não são impeditivas da convivência de ambos os性os, tanto fora como dentro das aulas de Educação Física.

Tabela - Diferenças Sexuais nas Habilidades Intelectuais

Tipo de habilidade	Natureza da diferença
Percepção espacial (habilidade de manipular formas abstratas, imaginar o espaço tridimensional a partir de desenhos bidimensionais etc.)	Os meninos desempenham-se consistentemente melhor a partir da adolescência. Não são verificadas diferenças consistentes entre crianças mais novas
Matemática	Não foram encontradas diferenças ou então as meninas são ligeiramente superiores em sua capacidade de efetuar cálculos
Raciocínio numérico	Os meninos são melhores mais ou menos a partir da adolescência
Habilidades verbais	As meninas são um pouco melhores e usam sentenças um pouco mais longas
Raciocínio verbal	As meninas são um pouco melhores a partir da adolescência

DIFERENÇAS SEXUAIS NO AUTO CONCEITO

A generalização usual encontrada em livros textos e outros artigos de psicologia - é que as meninas geralmente têm uma auto-estima mais baixa que os meninos.

A auto-estima entre as meninas também é amplamente considerada como mais baixo porque muitas das qualidades da "feminilidade" são menos valorizadas do que as qualidades da masculinidade. Porém não há exatamente evidências de que as meninas, em geral, valorizem a si mesmas ou suas qualidades menos positivamente que os meninos. (Maccoby e Jacklin, 1974). Contudo, as adolescentes parecem ser menos auto confiantes do que os meninos a respeito de sua habilidade de sair-se bem sucedida em novas tarefas. Outras evidências sugerem que embora os dois sexos sejam aproximadamente iguais na auto-estima geral, as qualidades positivas específicas que eles vêem em si mesmos diferem em pouco. Os meninos maiores e os

homens tendem a se considerar possuidores de qualidades como ambição, energia, otimismo ou praticidade; enquanto que as meninas mais velhas e as mulheres adultas tendem a se ver como possuidoras de qualidades positivas como ser atraente, cooperação, franqueza, simpatia e habilidade de liderança. Em outras palavras Helen Bee explica que as qualidades que os homens percebem em si mesmos são primariamente qualidades pessoais, enquanto que o que as mulheres percebem em si mesmas parecem ser qualidades sociais - capacidades e habilidades que envolvem os outros.

Essas diferenças no auto conceito, podem ser influenciadas pelos estereótipos de papel sexual prevalecentes na sociedade e acredito ser importante que nós professores saibamos de tais fatos para observar e interferir nestes conceitos.

DIFERENÇAS SEXUAIS NO DESENVOLVIMENTO ATÍPICO

A regra geral é que os meninos são substancialmente mais propensos a mostrar qualquer forma de desenvolvimento atípico e as mulheres são menos propensas a herdar qualquer moléstia recessiva que seja transportada nos cromossomos sexuais como podemos ver no quadro que segue:

Tabela - Diferenças Sexuais na Incidência de Desenvolvimento Atípico

Tipo de problema	Relação aproximada de homens para mulheres
Problemas escolares: crianças cujo desempenho é inferior ao de seu grau, em assuntos básicos	3 para 2
Deficiências físicas	
Problemas visuais	1 para 1
Problemas auditivos	5 para 4
Desfeitos de fala	3 para 2
Problemas emocionais	
Desordens de conduta (agressividade ou equivalentes)	5 para 1
Ansiedade-esquiva	2 ou 3 para 1
Número estimado de crianças com todo tipo de diagnóstico em clínicas psicológicas	2 para 1

Fonte: *Profiles of Children*, 1970; Anthony, 1970; Eme, 1979.

DIFERENÇAS SEXUAIS NAS INTERAÇÕES E RELACIONAMENTO SOCIAIS

Segundo Bee (op. cit pg. 255) existem comportamentos esperados pela sociedade que não condizem com a natureza do indivíduo, mas sim com a cultura e os mostra no quadro que segue:

Tabela - Comparação dos Estereótipos de Papel Sexual e as Diferenças Sexuais

Comportamento	Expectativa estereotipada	Diferenças realmente observadas
Agressão/comportamento dominador/competitividade	Espera-se que sejam mais acentuados nos meninos	Os meninos são consistentemente muito mais agressivos fisicamente (Maccoby & Jacklin, 1974; Barrett, 1979). As diferenças quanto à agressão verbal são menos consistentes. Os meninos são menos dominadores e mais competitivos na maioria das situações
Dependência	Espera-se que seja mais acentuada nas meninas	Entre crianças, não foram encontradas diferenças consistentes em comportamentos como agarrar-se aos pais, ficar próximo ou buscar atenção (Maccoby & Jacklin, 1974)
Preocupação e cuidado com os outros	Espera-se que sejam mais acentuados nas meninas	Não foram encontradas diferenças claras entre crianças (Maccoby & Jacklin, 1974). Tanto os meninos quanto as meninas respondem às necessidades das outras crianças
Interesse pelos outros; sociabilidade	Espera-se que sejam mais acentuados nas meninas	Os resultados são mistos. Os meninos parecem ser mais orientados para os companheiros na pré-escola (Maccoby & Jacklin, 1974; Roper & Hinde, 1978). Nos anos escolares os meninos têm mais amigos e brincam em grupos maiores; as meninas parecem ter um menor número de amizades; porém as amizades são mais fortes (Låosa & Brophy, 1972; Omark, Omark & Edelman, 1973)
Condescendência	Espera-se que seja mais acentuada nas meninas	As meninas pré-escolares geralmente atendem aos pedidos dos adultos (Minton, Kagan & Levine, 1971; Maccoby & Jacklin, 1974). Entre as crianças mais velhas não há uma tendência consistente das meninas serem mais condescendentes (Maccoby & Jacklin, 1974)
Choro	Espera-se que seja mais acentuado nas meninas	Não há diferença consistente entre crianças. Entre pré-escolares, quando há diferença, ela indica que os meninos choram mais (Maccoby & Jacklin, 1974)

AMIZADE INFANTIL ENTRE OS SEXOS

Segundo Gesell (in Tani, 128) até os quatro anos a criança brinca e escolhe os amigos sem distinção de sexo. Para ambos os sexos pequenos grupos são formados aos cinco anos, com comportamento violento e choram com facilidade. Aos seis anos ambos, ainda, procuram "ganhar" amigos e se entendem relativamente bem, mas há disputas que são de ordem física. Aos sete anos apresentam uma certa preocupação com maldade e bondade, ainda gostam de ganhar e começam a ter consciência das ações interpessoais. Aos oito anos, existe mais cooperação e esforço em manter boas relações com o "melhor amigo" (menina com menina e menino com menino). Aos nove anos, a maioria das crianças tem um amigo íntimo da mesma idade, as meninas gostam de passar uma noite na casa da amiga. Aos dez anos, há um fácil relacionamento entre os meninos, que brincam e jogam com quem está próximo. As meninas mostram um caráter emocional, irritando-se e saindo da irritação facilmente. Não há ainda interesse pelo sexo oposto, sendo que a maior parte dos meninos demonstra desinteresse e desagrado pelas meninas. Aos 11 anos as meninas demonstram vários graus de interesse pelos meninos: ou são antimerinos, ou mantém uma postura neutra ou até gostam mais ou menos deles. Os meninos são mais neutros, embora, às vezes, agrupem-se no seu sentimento de gostar, direcionado à uma menina. Aos 12 anos os meninos mantêm um relacionamento amistoso e instável, contudo, recorrem aos diferentes meios de comunicação para manter uma amizade especial. Nas meninas, o intenso emocionismo dos 10 anos começa a desaparecer e a amizade pode dissipar-se, quando uma das amigas encontra interesse por um menino. Meninas e meninos misturam-se, formando grupos sem grande coesão e sem grandes afeições.

Todavia, um terço do sexo masculino manifesta interesse pelo sexo feminino. Aos 13 anos, os meninos são menos sociáveis, cultivam uma ou duas amizades íntimas, dizem interessar-se pelas meninas, mas não andam com elas. É nesta faixa etária que as meninas menosprezam os meninos da mesma idade, achando-os imaturos, interessando-se pelos mais velhos.

A linha do sexo cruza-se naturalmente e as meninas interessam-se mais pelos meninos do que eles por elas.

É interessante que nos atenhamos também nas similaridades existentes e que devemos estar cientes.

Não é difícil perceber que os meninos apresentam comportamentos agressivos maior número de vezes do que as meninas. Por sua vez, os pais permitem que os filhos do sexo masculino expressem comportamentos agressivos em maior número de ocasiões que as filhas.

DIFERENÇAS SEXUAIS ANATÔMICAS E FISIOLÓGICAS

CENTRO DE GRAVIDADE

O centro de gravidade é considerado como sendo o ponto dentro do corpo no qual o peso total do organismo fica centralizado, determinando o equilíbrio.

Devido às diferenças em sua estrutura, a mulher possui o seu centro de gravidade mais baixo, o que lhe proporciona maior equilíbrio em relação ao homem.

RESPOSTA NEUROMUSCULAR

No grupo etário de 06 a 18 anos existe pouca ou nenhuma diferença entre meninos e meninas no que se relaciona com a eficiência no uso dos músculos pequenos. As mulheres em geral, possuem maior destreza manual que o homem. De acordo com a pesquisa destinada a determinar a diferença no tempo de reação entre os homens e as mulheres, não existe nenhuma diferença significativa entre os sexos na velocidade de reação a um estímulo visual, no entanto, os homens possuem um tempo de movimento mais rápido. Atletas de ambos os性os respondem mais rapidamente que os não atletas.

MASSA MUSCULAR E FORÇA

Como já dissemos previamente o homem possuem maior massa e força musculares.

A força muscular média para as mulheres é de aproximadamente dois terços daquela dos homens (Klaes/Lyon p. 18).

FLEXIBILIDADE

A mulher é mais flexível que o homem (Kircher e Gleins, citados por Hollmann e Hettinger - 1983). diversos autores defendem que esta desfasagem do homem no que se refere à flexibilidade se deve a resistência que a massa muscular opõe à flexibilidade como fator limitador.

IMPLICAÇÕES PARA O DESEMPENHO

Uma série de fatores predispõe o homem a ter um melhor desempenho atlético. Sua maior musculatura e força, seus membros mais compridos e sua maior massa corporal magra contribuem para uma capacidade de criar uma aceleração mais rápida dos segmentos corporais, de alcançar velocidades finais maiores e consequentemente, gozam de uma vantagem em quase todos os eventos desportivos e particularmente nas provas que dependem em grande parte da força, velocidade e potência.

Cabe ressaltar que a grande maioria das atividades desportivas privilegiam as características biológicas e principalmente fisiológicas masculinas, talvez por terem sido criadas pelos e para os homens.

Acredito que os objetivos da Educação Física enquanto disciplina integrante do contexto educacional não é a formação de atletas, mas sim de indivíduos como um todo, não sendo necessário, para tanto, a competição de performances. Em alguns momentos acredito ser necessária a separação de homens e mulheres em categorias separadas, como no caso das competições desportivas para que haja

proporcionalidade nas oportunidades e confrontos. Porém na escola essa separação seria a perda da oportunidade ímpar de se desenvolver conteúdos educacionais.

Além disso, segundo Simone de Beauvoir:

"Nos esportes, a finalidade em vista não é o sucesso independente do equipamento físico; pelo contrário, consiste na obtenção da perfeição dentro das limitações de cada tipo físico".

Como conclusão eu diria que é evidente que diferenças biológicas e fisiológicas existem, mas algumas destas diferenças são culturalmente produzidas e reforçadas pela sociedade, sufocando habilidades que o sexo feminino também possui e enaltecedo as habilidades dos homens que não são exclusivamente masculinas. Não podemos colocar o sexo como determinante principal, mas sim considerar que existem diferenças individuais que são tão ou mais importantes. Poderíamos citar inúmeros casos, de homens que executam as tarefas domésticas, consideradas femininas, com enorme eficiência e mulheres que como profissionais fazem inveja a muitos homens que almejam sua posição, normalmente ocupada pelos homens. Portanto certas aptidões variam de pessoa para pessoa independentemente do seu sexo.

CAPÍTULO IV

NO QUE INTERFERE A CULTURA?

Depois de muito trabalho chegamos na fase final dos jogos de handebol da Olimpíada Colegial Guarulhense. Investimos muito de nós, mas nos minutos finais perdemos por um gol. No vestiário, os alunos esperavam de mim, enquanto professora e técnica do time, alguma frase que lhes servisse de consolo, como: "O árbitro nos roubou" ou "Foi culpa do fulano". Percebendo que o nosso goleiro estava muito deprimido, eu me aproximei e antes que eu lhe dissesse algo ele chorou desabafando. Alguns sentiram-se ainda mais emocionados e o abraçaram chorando também, mas foi nosso armador central quem repreendeu:

"Além de perder o jogo ainda tenho que ver esses babacas chorando que nem mulherzinha", e saiu muito nervoso.

No caminho de volta para nossa escola, enquanto a maioria dos alunos conversavam e se acalmavam, o armador que se julgava o grande, o verdadeiro homem, emocionado tentava sufocar e disfarçar o choro dizendo estar com dor de cabeça.

Relembrando este acontecimento dentre tantos outros semelhantes que nós professores vivenciamos, eu questiono: será que chorar às escondidas ou às claras torna um homem mais ou menos homem?

Procurando uma justificativa biológica para esta resposta cheguei à conclusão dela não existir. O que sabemos é que ao homem não é permitido expressar suas emoções através das lágrimas, perante os olhos da sociedade. Afinal "homem não chora", enquanto que para as meninas esse comportamento não só é adequado como esperado.

São os estereótipos culturais, modelos, padrões definidos pela sociedade.

Segundo Romero, que cita Mussen, Conger e Kagan (p.331), os comportamentos masculino e feminino são culturalmente prescritos dentro de uma cultura que diferencia características apropriadas a homens e mulheres. Essas características variam de uma cultura para outra. Em algumas, a culinária e a tecelagem são exclusivamente femininas, em outras masculina. A agressão é uma característica tipicamente masculina e passividade feminina, na maioria das culturas; mas em pelo menos algumas poucas, as mulheres são tipicamente agressivas e os homens passivos.

No campo das realizações no mundo externo Krech et alii (p. 255) expõe duas explicações para o fato de os homens apresentarem melhores atuações inclusive nos campos tradicionalmente femininos. A primeira explicação deriva da hipótese segundo a qual os homens são biologicamente superiores às mulheres quanto às aptidões físicas específicas e inteligência geral. Assim como Mussen, Conger e Kogan (p. 331), nesse particular eu discordo destacando que nas sociedades desenvolvidas a força física, a persistência, as habilidades motoras não são mais fatores essenciais à sobrevivência como foram em civilizações primitivas. Homens e mulheres estão igualmente em condições de executar a maioria das atividades.

Esses autores afirmam que os comportamentos rotulados de masculino ou feminino na nossa cultura não são consequências inevitáveis de diferenças biológicas entre homens e mulheres.

Como segunda explicação Krech et alii (p. 255) apresenta o fator sócio cultural segundo o qual as mulheres são iguais aos homens quanto aos traços biológicos necessários para maioria das atuações, mas não há as mesmas oportunidades para desenvolver e apresentar suas capacidades.

Essa segunda explicação para a aquisição de papéis está mais de acordo com os diferentes autores que abordam o tema.

A aprendizagem desses comportamentos é feita baseada em reforços positivos quando a criança executa comportamentos considerados adequados ao sexo e em punição ou reprovação quando os comportamentos não se encaixam ao modelo imposto.

Mussem, Conger e Kogari dizem ainda que em torno dos cinco anos de idade as crianças estão inteiramente cientes dos interesses e comportamentos apropriados ao seu sexo. A grande parte do

contingente feminino dos três aos cinco anos prefere brinquedos e atividades considerados adequados ao seu sexo, os meninos dão preferência aos revólveres, índios e vaqueiros, enquanto as meninas acabam optando por bonecas e utensílios de cozinha. Apesar disso tudo, Abreu lembra que as meninas se interessam muito mais pelos jogos dos meninos do que eles pelos delas:

"Puderal! Não são tão dinâmicos. Esta atração que as meninas têm pelos jogos dos meninos foi constatada por pesquisas psicológicas e contudo, normalmente elas são cercadas pelos adultos tão logo "resolvem rolar pelo chão com os irmãozinhos".

Como percebemos os meninos têm uma educação voltada à independência, coragem, autonomia levando-o a experienciar as mais diversas situações motoras como jogar bola, subir em árvores, escalar muros, participar de jogos beligerantes, etc., favorecendo assim o desenvolvimento de sua motricidade mais amplamente envolvendo as capacidades físicas, perceptivas, habilidades motoras e até mesmo um maior dinamismo cognitivo e afetivo-social.

E as meninas, por sua vez, vivenciam o maior número possível de atividades que requerem coordenação motora fina deixando muito a desejar no que se refere ao desenvolvimento global necessário.

E quando meninos e meninas chegam em nossas aulas, levamos em consideração esses fatores? Que tipo de contribuição a escola oferece à formação destes estereótipos culturais?

Esse assunto será refletido e discutivo no próximo capítulo, pois acredito estar explícita sua necessidade e importância.

CAPÍTULO V

A ESCOLA E OS ESTEREÓTIPOS

Boa parte do tempo da maioria das crianças é passado na escola, de onde recebem contribuições e influências muito significativas às suas formações. O professor é uma figura de fundamental importância neste contexto, pois veicula idéias, percepções, conceitos e preconceitos adquiridos durante sua vida. Inserido num contexto escolar politicamente reproduutor, o professor de Educação Física também passa a reproduzir essa estrutura quando ajuda na manutenção dos estereótipos culturais diferenciados para meninos e meninas. Sendo esta estrutura social desigual e inúmeras vezes injusta no que diz respeito ao sexo do indivíduo, o professor acaba auxiliando a manter a desigualdade existente entre homens e mulheres. Com relação ao professor de Educação Física pode-se ainda destacar um fato curioso: seja pela sua formação, cultura, inconsciência ou opção, é raro encontrarmos professores do sexo masculino desenvolvendo atividades rítmicas com seus alunos e da mesma forma professoras trabalhando com futebol. Na realidade a atividade física não deveria estar condicionada ao sexo. A pressão cultural é que tem determinado o que é adequado para um ou outro sexo. É necessário que se rompa a idéia estereotipada negativamente de preparar a menina para "as prendas domésticas", iniciada na família e reforçada na escola. Neste contexto é comum observar adolescentes do sexo feminino recusarem-se a participar das aulas de Educação Física na escola, pois seus corpos são preparados e educados para a dependência e submissão, aliados ao ideal de feminilidade e a escola não considera tal fator. Na elaboração e assimilação do papel sexual adequado ao seu sexo, a adolescente empregnada por signos tatuados precisa encontrar padrões de comportamento social capazes de serem aceitos pela sociedade.

Romero (p. 106) coloca que o conflito do desporto com os padrões de feminilidade tornam-se intensos. Também cita Rodrigues que questiona a exigência que se faz às meninas, cobrando-lhes uma postura competitiva no desporto, no mercado de trabalho ou em outra situação de vida, uma vez que desde o nascimento não foram preparadas ou estimuladas para tal situação de vida.

Se faz necessário desarrigar preconceitos sobre a capacidade feminina pois a mulher é quem está sendo mais prejudicada na sociedade apesar de termos a consciência de que todos saem perdendo com os estereótipos sexuais negativos.

Kude (p. 67) diz que: "No dia em que a igualdade entre os性们 for uma realidade, todos se beneficiarão: mulheres e homens. Certamente após séculos usufruindo do poder de ser superior, o homem sente-se ameaçado pelas reivindicações femininas. Mas será ele também privilegiado quando puder conviver com um ser que é seu par e não seu subalterno".

Partimos da idéia de uma Educação Física que permita aos meninos e meninas igual liberdade de movimentos, na qual se possa incluir, por exemplo, movimentos de quadril para os meninos e jogos ativos para as meninas sem prejuízo e repreensão.

Temos que reformular o modelo que adotam alguns profissionais quando diversificam as atividades de acordo com o sexo, desde as primeiras séries, obtendo com essa postura um reforço às tais "masculinidade" e "feminilidade" construídos e endossados pela sociedade. Onde, por exemplo, os comportamentos de agressividade são reprimidos e punidos quando expressos pelas meninas, tolerados e aprovados para os meninos, não deverão obter reforços nas aulas de Educação Física.

Por outro lado nós professores não podemos nos crucificar diante da situação que vivemos hoje; temos que ter claro que fazemos parte de um ciclo que se inicia no núcleo familiar, posteriormente e continuado na escola e na sociedade como um todo, assimilando assim valores, atitudes, expectativas e preconceitos que acabamos reproduzindo se não nos libertarmos de tal ciclo.

No entendimento de Mello (in Romero) a escola por si só não é responsável pelos estereótipos culturais, embora atue como agente de socialização que os fortalece.

Sabemos que à partir do momento que nos conscientizarmos do que estamos fazendo não podemos mais nos omitir e sermos coniventes com tal situação.

Não seria papel do educador agir no sentido de transformação de certos esteriótipos culturais?

Pois acredito que a escola pode contribuir para que as pessoas não sejam mais discriminadas em suas ações, em seus trabalhos, sentimentos enfim em suas vidas, em razão do sexo.

CAPÍTULO VI

NA PRÁTICA, O QUE ACONTECE?

RELATO DE EXPERIÊNCIA DOS PROFESSORES

Apesar de estar ciente das limitações desta monografia, eu acredito ser de fundamental importância mostrar algumas vivências práticas de pessoas que trabalham com turmas mistas.

1º RELATO

Começarei pela minha própria experiência:

- A primeira escola na qual lecionei já tinha estabelecido que as aulas de Educação Física seriam dentro do horário comum de aula, assim como as demais disciplinas. Como os alunos já estavam habituados com este esquema, não tive dificuldades em convencê-los (como sempre temos que fazer com turmas mistas novas) a realizar as atividades juntos, porém meus problemas começaram a emergir durante as aulas no ginásio, quando surgiram reclamações e discussões como: "Fulano é muito bruto, eu não jogo mais." - "Essa menina parece que está morrendo, professora".

Eu não podia ficar ali apenas para separar brigas, consolar meninas, acalmar os meninos. Eu não sabia bem o por quê, mas eu também não aprovava a "moleza" das meninas e a falta de "controle" dos meninos. Nunca acreditei que tal atitudes fossem naturais do sexo, como sempre ouvi. Empiricamente resolvi

que deveríamos sentar e conversar: Como são os meninos e as meninas? Por quê são assim? Como vocês acham que deveriam ser?

É claro que sempre caímos nas questões culturais e biológicas e os esclarecimentos que fizemos sobre maturação, crescimento e desenvolvimento físico foi de grande valia. Resumindo, quando os alunos passaram a ter a consciência de que algumas diferenças são criadas por nós e outras são naturais, iniciaram uma auto-cobrança e também a cobrança dos outros quanto as posturas assumidas. Aprenderam, aos poucos a lidar com as suas limitações e procurar superá-las, principalmente porque sabiam que muitas delas eram preconceitos e não condições imutáveis. Ao mesmo tempo conscientizavam-se das diferenças, não só sexuais mas também das individuais possibilitando-lhes assim respeitar e conviver com as mesmas.

Com as 3^a e 4^a séries que trabalho hoje, a dificuldade é bem maior, pois a escola separa os alunos por sexo na maioria das atividades (recreio, trabalhos escolares e Educação Física ginásial), também a idade já é propícia às separações e aos preconceitos da sociedade local são muito fortes em relação às atividades de meninos e de meninas, de homens e mulheres.

Nas primeiras aulas que trabalhamos, o conteúdo votado pelas próprias alunas foi o futebol. Quando eu disse que tanto os meninos como as meninas iriam trabalhar com futebol e com a corda que foi a 2^a atividade escolhida, os alunos não se conformaram e pronunciavam frases , muitas vezes indignados:

- "Futebol é coisa pra menino".
- "Eu não sou mulher pra pular corda".

Quando lhes mostrei, através de um filme de vídeo, a seleção feminina de futebol, foi incrível como se abriram para a proposta que eu estava fazendo. É claro que muitos ainda não aceitam a idéia até hoje e querem reverter a situação:

RELATOS DOS ALUNOS

São Paulo 7 de abril de 1992

name école de Gouya

Proto-Greco

Minha Redação

Hápe e futebolista muito bonito.

Ei Resarei que Tinha os mesmos insinuando
as mesmas.

O vassalo enviado a miúna, as menina
cairam levantaram rapida foram encontra da bala
eu só não queria que a Valená desse esse
morce noce nang de Vanelli a foga estaria muito
legal eu achei atimo a foga, mas tivee perdeu
mas brril eu achei lindos estes? agora terminou
foga de futebol mas este fogos estao lindos
eu concordo eles todos se meminice ajudar as meninas
algumas menina que sao deve ajudar as outras
as meninas nem pressa ajudar as meninas todos
sabem jogar futebol, ate balema de grande eu
se brinca de Valéi de Tume, queimava queima sem

gostava, muitas coisas; Tomava que o anseio tristeza
seja livre e vai ser quem tem de dizer

Roseli Alexandrina Ferreira

{ meninos e meninas
no futebol

Eu acho que o futebol, para meninos, meninas. Mas os meninos não gostam de jogar com as meninas porque elas não sabem jogar futebol.
Os meninos acham que futebol é só para os meninos.

Nós meninas devem jogar futebol sim. Porque assim futebol fica aberto para meninos, para meninas.

A professora de física Tânia Tecla a razão de não separar os meninos das meninas.

Os meninos para jogar futebol nem os meninos elas acham que os meninos devem ser contra as meninas. mas assim os meninos acabaram ganhando no jogo.

Por isso que os meninos não devem ser separados das meninas.

São Paulo 19 de fevereiro de 1992
Nome Rinaldo Cardoso da Nascimento 3º ano H

Meninos e meninas
no Futebol

Eu acho que todos devem jogar.
Os meninos não sabem jogar mas elas podem
aprender a jogar.

Os meninos devem deixar os meninos jogar.
O professor deve que mistura os meninos com as mu-
nhas porque as meninas têm o direito de aprender
jogar assim os meninos e meninas todos jogam
juntos.

Os meninos podem aprender a jogar muitas das que
os meninos todos devem jogar juntos

São Paulo, 9 de abril de 1992.

Nome: Delma nemato da Rocha. 3º seri I sala 14
Redacção sobre o futebol

Nestas semanas eu gostei muito
mesmo de jogar futebol foi legal.

Tive o meu próprio time.

Fique no golino os reves depois
a professora Grace trocava as posições.

Eu só não gostei as meninas ficaram
muito encima de mim.

Jogar com as meninas foi
legal. Eles me insinuavam bastante.

Dá que os reves eles me davam
restinas.

Mas ao mesmo tempo é muito bom ver sementes germinando, mesmo sabendo que estas podem ser esmagadas pela sociedade antes de darem frutos.

Quero deixar bem claro que algumas destas idéias como: "As meninas vão aprender e tornarem-se melhores que os meninos" são trazidas para a realidade onde 9 anos de "atraso" não se tira tão facilmente.

De qualquer forma esta é a maneira pela qual procuro alicerçar meu trabalho: utilizando-me dos conflitos que surgem no decorrer das aulas, para trabalhar com as questões que acredito serem essenciais na formação dos nossos alunos.

Devo relatar que trabalho com turmas mistas há 4 anos, tive mais pontos positivos, ou seja aspectos que considero evolução (como a convivência sem grandes tumultos), do que pontos negativos (como a não aceitação das diferenças para o convívio).

Acredito que a Educação Física deve objetivar a formação para a vida e não só para uma realidade que poucos alcançam "ser atleta".

2º RELATO

Professor Marcelo Jabú (Escola da Vila - SP):

Este é um professor que também iniciou dando aulas para turmas mistas pré-estabelecidas. Hoje ele ainda afirma: "Separar nunca". Ele acredita que somente unindo meninos e meninas é que estes terão as oportunidades necessárias para conhecer, respeitar e trabalhar suas diferenças.

Assim como a maioria dos professores que trabalham com turmas mistas, o Professor Jabú utiliza-se do bom senso e das experiências adquiridas para lidar com os conflitos que surgem.

Ele afirma que: "o conteúdo da Educação Física é machista, ou seja, privilegia os meninos. A começar por atividades em que se utilizem bolas".

Como já discutimos anteriormente os meninos possuem uma vasta experiência com bola, material com o qual a maioria das meninas virão a ter contato nas aulas de Educação Física, resultando numa grande

dificuldade em atividades como: Voleibol, Basquetebol, Handebol, Futebol, Queimada, enfim qualquer atividade que requisite da bola.

Por sua vez os meninos pouco vivenciam atividades rítmicas e com materiais tipificados como femininos, por exemplo: corda, bambolê, elástico, etc.

Para tentar equilibrar e trabalhar mais ampla e completamente, o professor Jabú procura trabalhar com uma grande variedade de atividades com ambos os sexos, assim meninos têm um espaço para trabalhar com arcos, cordas, elásticos, brincadeiras contadas e as meninas vivenciam jogos e brincadeiras preconcebidas como masculinas: jogar futebol, subir em árvores, participar de forma ativa das atividades e discussões, etc.

Uma, dentre várias observações feitas durante seu trabalho com turmas mistas, o professor coloca que as mesmas atividades são feitas de formas diferentes por meninos e meninas. Por exemplo: o menino prefere saltar corda com mais velocidade, enquanto que as meninas preferem um ritmo mais lento (contado) e com maior coordenação. Os professores devem estar cientes de tais diferenças assim como das diferenças individuais, pois temos que, nos conter em ficar fazendo comparações inúteis e nos preocupar com aquilo que realmente devemos ter compreensão.

O professor Jabú, não tem um método ideal e acabado a nos apresentar (acredito que ninguém o tenha), mas tem observado, registrado, experimentado, estudado e vivido o assunto com admirável dedicação, pois acredita que homens e mulheres não foram feitos para competirem entre si e sim para se completarem.

3º RELATO

Professor Nello Aparecido Aguiar (Escola Municipal Fernando de Azevedo - SP)

Este professor também iniciou atuando com turmas mistas.

Afirma que não enfrenta grandes dificuldades mas que existiu uma certa resistência dos alunos no início. Nos jogos coletivos os meninos se sobressaiam e as meninas (na maioria) eram deixadas de lado.

Segundo os alunos isso acontece devido à falta de habilidade das meninas, mas o professor explica a importância de todos participarem principalmente respeitando os colegas.

Em alguns momentos os alunos e alunas pedem para que sejam formadas equipes separadas por sexo.

E o professor confirma: Quando peço para formarem grupos eles logo se juntam às crianças do mesmo sexo, porém quando peço que sejam mistas, eles acabam se organizando sem maiores problemas.

4º RELATO

Professora Meire Ayako Kirihsara (Escola Municipal Fernando de Azevedo - SP)

Já a professora Meire confessa não estar gostando das turmas mistas. Possue dificuldades como:

- Os meninos não aceitam e nem admitem erros dos colegas;
- Recusam-se a executar certas atividades juntos (ex: exercícios abdominais onde um apoia os joelhos do outro);
- Os meninos possuem maior habilidade, o que dificulta a integração;
- As meninas se queixam da brutalidade masculina e sentem-se constrangidas ao fazerem exercícios onde se trabalhe com duplas mistas.

Eu gostaria de observar que algumas dessas dificuldades são encontradas também com as turmas separadas por sexo.

A professora Meire coloca que não força a união, por exemplo:

- "Se peço para formar duplas (onde todos unem-se a pessoas do mesmo sexo) se no final restar 1 menino e 1 menina eu sugiro que façam em trios, ou eu mesma faço a atividade com a menina".

Por outro lado a professora concorda que existem pontos positivos como:

Maior possibilidade das meninas se desenvolverem; aceitação e respeito pelo sexo oposto; os meninos tornam-se menos "machistas" e aprendem a lidar melhor com as meninas.

Mesmo assim, se possível, ela gostaria de voltar a dar aula para turmas separadas e justifica-se : "Talvez se tivéssemos sido preparados enquanto profissionais, para trabalharmos com turmas mistas não teríamos tantos preconceitos e problemas".

Esta é uma experiência que temos que considerar e refletir pois necessitamos de uma discussão ampla que abrange não só, as aulas de Educação Física, mas também a visão que os professores têm do assunto, suas vivências, preconceitos, etc.

CAPÍTULO VII

CONCLUSÃO

É com satisfação que concluo este trabalho pois acredito que meu objetivo foi atingido: conseguir argumentos significativos que justificassem as aulas de Educação Física mista ou separadas por sexo. Conclui que é necessária e possível a realização de aulas de Educação Física para turmas mistas. Partindo desta idéia lanço um desafio para nós professores, educadores e pedagogos: - criar uma proposta realista que possibilite esta prática, pois sabemos que não basta a nossa boa vontade e a união das turmas masculina e feminina nas aulas para que o trabalho se concretize de forma adequada. É necessário um embasamento, um alicerce que possibilite aos professores trabalharem com segurança e consciência.

Mas, não podemos aguardar uma proposta de braços cruzados; temos que ir à luta e participar de tal elaboração.

Para iniciar proponho que façamos uma análise das sugestões encontradas até hoje para partirmos para nossa busca individual de novas propostas no nosso dia a dia.

Segundo Abreu (p. 124) existem pessoas que detêm uma ótima habilidade no ato de arremessar, outras na recepção de uma bola e assim por diante. Estas diferenças específicas de gestos motores são valorizadas pela turma, se o jogo assim permitir, ou seja, quanto mais variados forem os jogos esportivos, maior a possibilidade do aparecimento das características (biológicas ou culturais) de alunos e alunas envolvidos nas atividades. Uma variada coletânea de jogos recreativos e atividades desportivas mostra um leque de opções para serem trabalhados pelos docentes de forma a proporcionar esse aspecto formativo mencionado, em que a variedade de oferta de experiências motoras, viabiliza a expressão das diferentes características. Essa proposta de diversificar ao máximo o conteúdo das aulas de Educação Física vem de encontro à experiência do Professor Jabú que vem procurando descentralizar suas aulas de atividades tradicionalmente masculinas.

Tendo estudado a fundo o assunto Abreu (p. 130) levanta algumas sugestões a fim de tentar proporcionar alternativas para gerar questionamentos referentes às aulas de Educação Física:

1) Para oportunizar reflexões sobre os conflitos existentes é aconselhável que meninos e meninas estejam juntos, vivenciando as experiências motoras.

2) É preciso que os docentes saibam conduzir os diversos problemas e contestações que surgiem por parte dos discentes. Para isso, é necessário que tenham acesso à leitura básica sobre pedagogia do conflito (Segundo Gadotti), além de textos e trabalhos, que abordem a questão dos estereótipos sociais e a adequação das pessoas a papéis sociais pré-determinados pela sociedade.

Produção específica da Educação Física para que aporite estratégias para o aumento de participação ativa durante as aulas para meninos e meninas, assim como para as mais ou menos hábeis.

Acompanhamento pelos docentes da legislação vigente concernente a educação e mais especificamente Educação Física. Essa mudança poderá ser feita por grupos de influência que podem interferir e alterar esse quadro. Refere-se aos docentes que atuam nas esferas federais, nas secretarias estadual e municipal, nos cursos de pós graduação e nos grupos de pesquisa. Digo isso querendo obter dos legisladores o desejo de avançar politicamente afim de se abrirem para o futuro e perceberem as constantes mudanças nas relações sociais.

3) Recomenda às instituições escolares e ao corpo docente das mesmas um maior fomento a essa discussão, inclusive junto ao corpo discente, trazendo à tona os conflitos preexistentes que, todavia, não estavam sendo questionados. Acrescenta, também, a importante contribuição dos cursos de formação de docentes, pois sem um embasamento e acesso a diversas propostas metodológicas, dificilmente os docentes se motivarão a implantar inovações quando não detém os instrumentos necessários para tal ação pedagógica.

Torna-se complexo e difícil aplicar algo que não foi vivenciado.

Romero (p. 300) coloca que: "na perspectiva de haver uma diminuição das desigualdades entre os sexos, parece importante no momento uma reflexão sobre a Educação Física como meio de desenvolvimento integral dos alunos. Isso requer que o professor de Educação Física assuma, como agente de transformação social, a incumbência de desmitificar o machismo e o madonismo. Sugere um plano de ação pedagógica na

tentativa de conscientizar professores e pais sobre o prejuízo que, às vezes, não intencionalmente, causam quando punem e reforçam determinados comportamentos apresentados pelas crianças.

Que esta ação pedagógica conte com uma introdução de conteúdos curriculares que alertem para a questão da estereotipia na prática da Educação Física a fim de que esta deixe de apresentar atividades marcadas como adequadas do sexo masculino e feminino.

Entende-se também como importante a revisão dos estereótipos sobre os papéis sexuais transmitidos pela escola, pelos livros didáticos e pelos meios de comunicação.

Finalmente, julgo ser oportuno também apresentar a recomendação a todos os educadores, independente do grau onde atuam ou da área de formação profissional, que tenham uma postura mais cuidadosa ao aconselhar, punir, reforçar, facilitar ou dificultar oportunidades aos indivíduos. Neste sentido recomenda-se que os educadores procurem mudar as práticas educativas que possam estar contribuindo para a manutenção das diferenças aqui apontadas tão prejudiciais do ponto de vista do oferecimento de igualdade de desenvolvimento a todos. Não deve ser o sexo o principal critério de decisão, mas sim o conjunto de fatores que envolvem a situação a ser decidida.

Eu acredito que este é o início de uma contribuição para melhorar qualidade de "vidas".

BIBLIOGRAFIA

ABREU, Neise Gaudêncio. Meninos prá cá, meninas prá lá? In: TUBINO, Marioel Gomes. O discurso dos atores de Educação Física. RJ, 1991.

BEE, Helen. A criança em desenvolvimento. 3 edição São Paulo Harbra, 1984.

CELAFISCS: dez anos de contribuição às ciências do esporte. 1 edição São Caetano do Sul (SP) Centro de Estudos do Laboratório de aptidão física de São Caetano do Sul, 1986.

DELAMONT, Sara. Os papéis sexuais e a escola. Coleção BEP Horizonte Lisboa, 1985.

FREIRE, João Batista. Educação de corpo inteiro, teoria e prática da Educação Física. 1 edição Campinas Scipione, 1989.

KRECH, D. et al. O indivíduo na sociedade. São Paulo Pioneira, EDUSP, 1980.

KUDE, Vera M. Moreira. As expectativas da professora com relação ao aluno influência do sexo dos estereótipos de papel sexual. Porto Alegre, Curso de Pós Graduação da UFRGS, 79 p. Dissertação de Mestrado em Educação, 1986.

MACCOBY, E.E. & JACKLIN C.N. The psychology of sex differences, Sanford Califórnia: Sanford University Press, 1974.

MELLO, Guiomar Namo de. Os estereótipos sexuais na escola. Cadernos de Pesquisa, São Paulo, 1975.

MONEY, John e Tucker, Patrícia. Os papéis sexuais. São Paulo Brasiliense, 1981.

OBERTEUFFER, Delbert. Educação Física. São Paulo EDUSP/EPU, 1977.

ROMERO, Elaine. Estereótipos masculino e femininos em professores de Educação Física. São Paulo, 1990
USP. Tese (Doutorado em Psicologia).

TANI, Go (et al) Educação Física Escolar: Fundamentos de uma abordagem desenvolvimentista São Paulo
EPU, São Paulo, 1988.